



## Memorial acadêmico de professoras titulares: Narrativas multidisciplinares

*Ronilson de Souza Luiz<sup>1</sup>*

**Resumo:** Analisamos de que modo os memoriais para concurso de professor-titular possibilitam conhecer, entre outros aspectos, as vivências e experiências de mulheres que chegaram ao topo da carreira acadêmica. Trata-se de alguns resultados do estágio de pós-doutoramento, concluído em 2017, que privilegiou abordagem qualitativa, valendo-se de pesquisa bibliográfica e documental como caminho metodológico. A Lei 12.772/2012 prevê a análise e defesa pública de memorial. Intencionalmente, selecionamos 16 professoras titulares. Buscamos identificar percursos, por meio dos memoriais acadêmicos, que respondessem: como se vem a ser a profissional que se está sendo? Concluímos que ainda não temos a tradição de publicar memoriais e que analisá-los mostra-se profícua ferramenta e fonte de pesquisas para dialogar com as teorias curriculares, com a história da educação e questões de gênero.

**Palavras-chave:** memorial acadêmico; professora-titular; histórias de vida.

## Academic Memorial of Full Professors: Multidisciplinary narratives

**Abstract:** We analyzed how the memorials for the full professor contest make it possible to know, among other aspects, the experiences and experiences of women who reached the top of their academic career. These are some of the results of the post-doctoral internship, completed in 2017, which favored a qualitative approach, using bibliographic and documentary research as a methodological path. Law 12.772 / 2012 provides for the public analysis and defense of a memorial. We intentionally selected 16 full professors. We sought to identify paths, through academic memorials, that answered: how does one become the professional one is being? We conclude that we still do not have the tradition of publishing memorials and that analyzing them proves to be a useful tool and source of research to dialogue with curricular theories, with the history of education and gender issues.

**Keywords:** academic memorial; full professor; Life stories.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em educação pela PUC/SP (2017), doutor (2008) e mestre (2003) em educação currículo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), bacharel e licenciado em letras (português/hebraico) pela Universidade de São Paulo (1998). Docente da Faculdade Legale. Integrante do grupo de pesquisa PEC - Políticas de Educação/Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. profronilson@uol.com.br.

## Introdução

*... abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que eu como, o sono que durmo, faze com que eu tenha caridade por mim mesma pois senão não poderei sentir que Deus me amou, faze com que eu perca o pudor de desejar que na hora de minha morte haja uma mão humana amada para apertar a minha, amém. (Clarice Lispector)*

A memória é um laboratório onde se dão à revelia combinações arbitrárias e inesperadas. Temos arquivos. Diferente do computador, não acessamos por palavras-chaves, mas, especialmente, por afetos, sentimentos e emoções.

Meme, memória, memorial. Os verbos construir, expressar e representar, nos ajudarão na análise que se apresenta. Inicialmente nos interessa o verbo representar, que em um de seus modos dialoga com a maneira que cada docente problematiza a realidade e incorpora à obra as tensões sociais de seu tempo. Em outras palavras: como revelamos as contradições da história, valendo-nos de narrativas.

Trata-se de uma pesquisa mais extensa, concluída em 2017, e que privilegiou abordagem qualitativa, valendo-se de pesquisa bibliográfica e documental como caminho metodológico, com referências centrais a Bosi (1994), Josso (2007), Rego (2014) e Silva (2015, 2015a).

Estudamos a história de vida de professoras, por meio da leitura de memoriais acadêmicos, que dialogam com poema de Oliveira

a escrita organiza os retalhos sobre a mesa. Escolho cuidadosamente os fios, para não desrespeitar a trama dos tecidos. Com o desejo de ser a mais cuidadosa, respeitosa, justa, carinhosa possível com aqueles e aquelas que participaram das feitura dos retalhos, início a costura. Costura que não se faz linearmente. Há que se começar por algum lugar, isto é certo. Mas é costurando os retalhos, vendo as composições que eles formam, que outros retalhos exigem de companhia, que colcha e costureira vão se conectando. Sem se esquecer da intenção de que, quando pronta, a colcha possa aquecer, enfeitar, embelezar lares e que a profusão de sentidos que ela possa proporcionar ensejem outras histórias (OLIVEIRA, 2013, f. 09).

Aquilo que conecta traduz-se aqui por um olhar; optamos pelo recorte de gênero, sabendo que esta escolha traz um pouco do pudor citado pela Lispector. Vale lembrar que o desperdício de talento feminino, por exemplo, não registrando suas memórias, debilita a economia, que o abuso das mulheres corrompe a sociedade e sua marginalização enfraquece o sistema político.

A desigualdade de gênero não é apenas moralmente indefensável. Ela é ruim para todo o tecido social, inclusive, para a Universidade, que em anos recentes instauraram procedimentos internos para apurações de todo tipo de assédio que ainda ocorrem em seus corredores.

A intencionalidade é que ao final possamos dar continuidade e gerar outros debates, a exemplo da colcha de retalhos citada. Compartilho um breve lampejo da construção (segundo verbo citado) edificante que professoras fizeram de seu campo de conhecimento.

Passeggi define o memorial acadêmico como:

Gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (PASSEGGI, 2008, p. 120).

Dentre os consultados existe prevalência de textos entre 50 e 100 laudas. Quanto ao estilo, os classifiquei, a meu sentir, em:

Padrão: é o memorial que reflete pouco para além do modelo da plataforma lattes.

Biográfico: é o memorial em que a professora opta por seguir uma linha cronológica, passo a passo, sem sobressaltos.

Analítico: o memorial com caráter filosófico em que a autora, ao mesmo tempo que expõe seus feitos, produz análises e desdobramentos de seu crescimento e maturidade acadêmica. Lemos o memorial com a sensação de lermos romances produzidos na maturidade.

Memorável: são os memoriais que servem de baliza, são clássicos dentro de sua área. Na educação, é o caso de Magda Becker Soares, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e na sociologia, um memorial bastante lembrado é o de Renato Ortiz, da Universidade de Campinas (UNICAMP), que também foi publicado em livro, nas letras, cito o de João Adolfo Hansen, da Universidade de São Paulo (USP).

Perscrutamos um pouco como cada educadora foi se esculpindo e se tornou a profissional que é?

O artigo traz na primeira seção a história de vida que transborda do memorial acadêmico; na sequência tratamos do texto e contexto do memorial; na terceira seção apresentamos recortes do memorial da Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Aleraro; na penúltima seção discorreremos sobre as especificidades das narrativas femininas, para concluirmos pela necessidade de que se explore os usos e possibilidades deste artefato cultural chamado memorial acadêmico.

A epígrafe de abertura é o registro simbólico do cenário e das circunstâncias que acometem o Brasil e o mundo, em decorrência da pandemia humanitária do novo coronavírus, de março de 2020.

## **A história de vida relatada pelo Memorial Acadêmico**

*“O tempo e a palha amadurecem as ameixas”. É recorrendo a essa metáfora que avalio o meu desempenho profissional (Maria Teresa Eglér Mantoan, 2012).*

Os novos pesquisadores são cobrados por estranharem conformidades, desafiar lugares comuns e sobretudo tentar mudar o discurso. Ousar mudar. Ainda que de forma fragmentária e descontínua. Em última instância, cada professor é guardião do bem comum, ou deveria ser.

Escutar, ler ou conhecer as vivências destas professoras pode nos ajudar a melhor interpretar os significados da produção humana, notadamente, nos espaços escolares.

Vejamos o registro de Ribeiro (2008, p.39)

Escrever um memorial é uma oportunidade rara de realizar um exercício de auto-reflexão e de apresentação de uma trajetória. O autor, no processo de recolher papéis, perscrutar lembranças, procurar inteligibilidades e vetores em acontecimentos que, com frequência, são fortuitos, muitas vezes se emociona com o que encontra do passado. Aqui, uma carta de um antigo mestre; ali, um projeto malogrado; alguns já ficaram no caminho; outros nos acompanham há décadas. Tudo isso cria um sentimento de pertencer a uma geração, a um grupo de contemporâneos que vai se deslocando no tempo.

A expressão professor titular comporta mais de um significado, em seu uso corrente. Há também memorial descritivo, memorial reflexivo, memorial de formação, memorial escolar, memorial formativo, memorial autobiográfico, memorial biográfico, dentre outros. Para a pesquisa selecionamos memoriais que atenderam a uma demanda institucional.

A partir de um texto padrão, fiz contato, por e-mail, com professores titulares, tendo como base as informações disponíveis na plataforma lattes, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Muitos docentes estão cadastrados como professores-titulares, contudo, trata-se de uso *lato sensu* da nomenclatura.

Por questões diversas o meio acadêmico vê com reticências os discursos que se aproximam da oralidade. O corolário desta postura reflete-se nas análises apressadas da metodologia “história de vida”, que a meu sentir, é ferramenta com muito a se explorar.

Conforme descreve Bastos

A análise dos memoriais também permite conhecer a retórica de conformação do ser docente pelo discurso político-ideológico embutido no discurso técnico-pedagógico. Nessa perspectiva, o passado se faz presente, pois possibilita refletir sobre a identidade social forjada e herdada e operar um trabalho de construção histórica da sua formação profissional e prática cotidiana (BASTOS, 2003, p.179).

Algumas professoras disponibilizaram seu memorial acadêmico, ainda não convertido em formato de livro. Todas docentes do campo da Educação, as quais relaciono mais a frente, somando 16 mulheres.

Ecléa Bosi nos ensina “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (1994, p.55).

Investimos na hipótese de que conhecer as narrativas destas professoras possam dar corpo a novas metodologias curriculares; pois:

uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autofiguração, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si (SILVA, 2015, p.110).

Garimpamos o fazer docente citado nos memoriais cuja beleza formal, a qualidade da expressão, a lucidez das reflexões, a graça e o refinamento com que é retratada toda uma trajetória de vida podem ser um rico artefato curricular.

O valioso *Dicionário de Educadores no Brasil*, conforme (Fávero, 1999), ajudou a identificar e coletar informações sobre a produção e atuação de alguns dos principais agentes na área da educação, pois ao publicar a trajetória de 74 educadores, todos já falecidos, contamos apenas 04 mulheres, são elas Helena Antipoff, Heloísa Marinho, Nísia Floresta Brasileira Augusta e Noêmia Saraiva de Mattos Cruz.

Conforme traz a pesquisadora suíça Marie Christine o memorial pode ser entendido

- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si,
- como um processo de tomadas de consciência de si e **de suas potencialidades**,
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos,
- e finalmente como uma transformação permanente – e às vezes imperceptível do si psicossomático. (JOSSO, 2007, p.424)

Mulheres registram, com maior frequência, informações sobre casamento ou casamentos, filhos, separações, perdas de entes queridos e outras passagens julgadas desnecessárias por homens.

Um memorial acadêmico que se revelou narrativa exemplar é o da professora Magda Becker Soares, da UFMG. O livro tornou-se um clássico, não porque se conforme a certas regras estruturais ou se enquadre em certas definições das quais a autora provavelmente nunca ouviu falar, mas porque possui irreprimível frescor.

No memorial de cada professora encontro experiências escolares, memórias de instituições, de práticas de ensino e de docentes, formação docente em diferentes contextos, culturas e períodos históricos (SÁ, 2015).

No fundo, busca-se, ao menos em partes, o registrado pelo prof. Julio Groppa

Trata-se, de outro modo, de perspectivar a potência didática de um professor-tradutor que, tampouco, se interessa em levar a cabo modos homogêneos e homogeneizadores de relação com o conhecimento, mas que se aproxima da ideia de que a transcrição é capaz de proporcionar um conhecimento diferencial e transformador (AQUINO, 2018, p.7).

Sigo na busca permanente de um humanismo sempre mais generoso, certo de que a educação não é outra coisa senão o esforço que os humanos fazem, estando ou não perto uns dos outros, para responder a uma mesma pergunta: como nos tornar cada vez mais humanos?

A escolha foi por jogar luzes na edificante trajetória de mulheres que se expressam (terceiro verbo) educadoras de referência no cenário nacional, com alcance internacional pelos prêmios que algumas receberam.

Em São Paulo, a título de exemplo, dos 204.166 professores estaduais, 74,5% são mulheres, dados do Governo do Estado de São Paulo, referentes ao ano de 2016.

Para transversalizar a abordagem pensemos dois exemplos: por qual razão uma única mulher ocupou o Ministério da Educação (MEC) ou por outro ângulo, contudo, de semelhante incidência – por que nenhuma mulher assumiu até hoje a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em âmbito nacional?

Citamos a Ordem por ser, numericamente, a maior entidade da sociedade civil organizada em nosso país. Nossos códigos, atualizados, há pouco, fazem menção **ao juiz, ao magistrado e ao promotor**. Este uso do masculino diz muito de nosso desenho social e institucional, que se repete nas Universidades.

### **Texto e contexto: o que sobre do currículo da memória**

A memória da narradora, que é reconstrutiva da significação de suas vivências, é elemento que implica o olhar como diagnóstico e sobretudo como prognóstico daquilo que

ainda falta. Ao redigir o memorial, a docente tenta sincronizar os marcadores de tempo com os sentidos e emoções de cada fase, que culminou naquele ápice. Relatar uma história de vida é articular de forma singular vestígios, lugares e datas no decurso da vida acadêmica, com todas as ramificações pertinentes.

Notamos a dialogia como espaço de construção do humano. A professora emérita da USP Marilena Chauí confirma estes apontamentos quando escreve

Espinosa definirá ação e paixão em termos de causa adequada e de causa inadequada. A ação é uma potência positiva, a paixão, um declínio da potência. O homem livre é aquele que, conhecendo as leis da natureza e as de seu corpo, não se deixa vencer pelo exterior, mas sabe dominá-lo. A partir daí Espinosa definirá a essência humana pelo desejo. O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força (CHAUÍ, 1979, p.20).

Cada memorial é o resultado de fios, ou melhor, de seu entrelaçamento, que a meu sentir aumenta a força das docentes. Uma obra é a realização de um trabalho; a rigor deveríamos dizer, diversos deles. Uma linha contínua os interliga, os avizinha, sendo todos resultados da mesma potência. Apesar de suas diferenças e configurações, inscrevem-se em um mesmo percurso, que marca um pouco a trajetória das professoras analisadas.

Gondra (2018) traz que nossos primeiros mestrados em educação datam de 1971, com USP, Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Fundação Getúlio Vargas (FGV), logo, temos muitos documentos a serem resgatados.

Os esquecimentos, as simplificações de grandes vitórias e conquistas, as censuras, as ancoragens; a vida sonhada constitui a trama desse ato de memória, que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa memorialística. Sabemos que há forte trama, quase uma teia que une as grandes professoras da área educacional e de todas demais áreas do saber. O livro de Ecléa Bosi (1994) nos ajuda a melhor entender a seletividade da memória, fenômeno inescapável ao pesquisador.

Critelli (2015), no livro “História pessoal e sentido da vida – historiobiografia”, registra que

A historiobiografia é uma abordagem terapêutico-educativa que tem por intenção a redescoberta do sentido da vida através da compreensão da história pessoal. Suas raízes se fincam na filosofia, mais especificamente na fenomenologia existencial e nos pensamentos de Hannah Arendt, com recursos a Heidegger (CRITELLI, 2015, p. 12).

O projeto de carreira de muitos docentes universitários é sair na outra margem. Ao longo da travessia, percalços, correnteza mais forte, calmaria, ventos, galhos, baixas temperaturas e pedregulhos sondam a todo momento.

No caso das mulheres, acrescentamos, a partir da pesquisa documental, ou seja, dos memoriais depositados nas Universidades; a maternidade, para a qual, a título de exemplo, apenas em 2018 as Associações Científicas registraram providências para recepcionar as pesquisadoras com crianças, vide ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação em Educação) e ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais).

As professoras pesquisadas revelaram tolerância em relação a opiniões divergentes e não abrem mão de sua liberdade em face de qualquer interferência política, bem como prezam pela justiça, dignidade humana e solidariedade.

Nosso modelo educacional tem privilegiado olhar os frutos. A história de vida de professoras, começa a indicar a importância de conhecermos as raízes de cada árvore. Nossos irmãos e irmãs africanos costumam lembrar que quando morre um homem, morre uma biblioteca. Prestigiar estas mulheres que não foram coadjuvantes é também tentar gerir a aprendizagem de futuras titulares.

O perfil docente, amplamente renovado, resume-se à secundarização de sua intervenção, sempre pontual e parcimoniosa, no cenário das trocas com os estudantes. Ora um mentor, ora um tutor, ora ainda um mediador, o professor vê-se relegado, não sem sua anuência, à condição de coadjuvante na cena pedagógica, já que não mais se devota a ensinar – se o faz, é somente a pedidos –, mas a estimular o outro a gerir a própria aprendizagem, recolhendo os efeitos positivos a posteriori (AQUINO, 2017, p.682).

De forma resumida, as docentes citam cartas guardadas com elogios ou incentivos que receberam, passaram por escolas confessionais; destacam o acesso a capital cultural durante a infância, a prática da modelagem da escrita quando da graduação, ganharam prêmios e bolsas de estudos, disputadíssimas, ao longo da carreira, presidiram ou foram do primeiro escalão de Diretórios acadêmicos, participaram de concursos de poesia, tocavam algum instrumento.

Quase que na totalidade são professoras que se engajaram em projetos de longo alcance e de relevância social. Narram amizades com pessoas dos mais variados espectros políticos e ideológicos.

Citam que participaram de momentos ou situações de efervescência política, cultural, social e artística. A apreciação destas histórias de vida e percursos femininos permite observar a técnica que os anos de leitura proporcionam, o brilho por de entre as palavras, a coesão artística e plástica alçada.

Escreveu Soares

Em síntese, e concluindo está metamemória: os capítulos seguintes fundam-se numa *seleção* de fatos e ideias do passado em função dos seus efeitos no presente (o presente com *chave* do passado) e representam uma (re) descoberta do passado pela (re) construção de uma lógica no *risco do bordado*, uma *explicação* das “rupturas” pela retificação progressiva de sistemas de referência (*o risco em espiral*) e uma *interpretação* do passado à luz do presente – o passado como presente na lembrança (SOARES, 2001, p.41).

Dentro de um memorial temos: autobiografias, biografias, narrativas de vida, história oral, fotos, cartas, diários (estes em múltiplos sentidos).

A página da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFLCH) da USP é de setembro de 2015. Lá, temos um conjunto de memoriais, <http://fflch.usp.br/memoriais>, registrando apenas 55 docentes da Faculdade. Trata-se de memoriais para a contratação inicial no cargo de professor-assistente-doutor, memorial de livre-docência e poucos memoriais de professor-titular (foco desta pesquisa).

Encontramos quase uma dezena de memoriais que foram transformados em livros caso da Profa. Heloisa Buarque de Holanda, Profa. Olgária Chain Feres Matos, citando as mulheres. São poucos e nos ajudam a refletir sobre a falta de tradição em publicá-los. Para alguns especialistas é preciso saber a quem pertence o memorial. Exclusivamente a candidata? à Instituição? é de domínio público? deve ficar na biblioteca?

**Apresentamos recortes do memorial acadêmico (concurso de titular) da Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Arelaro. (o texto na íntegra está disponível na internet)**

*Luiz Pereira me aceita, em 1968, como sua orientanda. A FFLCH ainda funcionava na Rua Maria Antônia.*

*Em 1º de agosto de 1970 assumo meu cargo de Professora efetiva de Educação, na cidade de Conchas, no interior de São Paulo. Vou ser a primeira (e única) professora do Curso Normal efetiva, cujo privilégio na época era poder escolher o horário de dar aulas.*

*Em 1974, sou detida, novamente, agora pelo Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI).*

*No final de 1981, submeto-me à seleção para o curso de pós-graduação, em nível de doutorado e, aprovada, no ano seguinte início o meu curso, já como Professora da FEUSP e orientanda do Prof. José Mário Pires Azanha.*

*A discussão da violência nas escolas – problema que se agrava dia a dia - vinha combinada com a discussão da questão sócio-racial, e o Projeto “Repensando a Educação”, sob a liderança da Profa. Sueli Cham, liderança do movimento negro, introduziu nova vertente de análise e de atuação pública, contra a violência escolar e a favor de nossas crianças e adolescentes da periferia.*

*José de Filippi Jr., engenheiro, ex-aluno da Escola Politécnica da USP, Prefeito eleito da Cidade de Diadema me convida no final do ano de 1992 e acabo aceitando trabalhar com ele em Diadema, uma vez que Educação e Cultura seriam prioridades de Governo.*

*Esta experiência, junto com Maria Vitória Benevides e Marli André na Comissão de Pós-Graduação, me alertou para a dificuldade, no âmbito acadêmico, de se processar qualquer alteração de “rotinas” estabelecidas mesmo quando elas exigem simples realocação de pessoas e recursos financeiros.*

*No final de 1998, sou admitida pela Comissão Especial de Regimes de Trabalho (CERT) – em estágio experimental – no RDIDP.*

*No ano de 1999, recebi minha colega de pesquisa e amiga, Prof<sup>ª</sup>. Maria de Fátima Felix Rosar, da Universidade Federal do Maranhão, para minha primeira supervisão de pós-doutorado.*

*No final do ano de 2007 recebi um convite telefônico do Presidente da CAPES para integrar o Conselho Técnico Científico da recém criada CAPES da Educação Básica, indicada que fui pela Diretoria do Centro de estudos “Educação e Sociedade”, da qual faço parte.*

*Enquanto educadores do PT já organizados em Comissão dentro do Partido, redigimos uma proposta geral para o Capítulo de Educação a ser inscrita na Constituição Federal.*

## **Entrelaçamentos das narrativas femininas**

Tanto 16 memoriais quanto a entrevista reforçam a riqueza destes relatos para a formação de professores, para as teorias curriculares (CASALI, 2019).

Os pontos selecionados objetivam apenas aguçar o interesse para a leitura na íntegra. Não está em jogo análises e comentários acerca do redigido e sim o quanto eles ajudam demarcando as pausas e os avanços (MACHADO, 2018).

Abaixo temos um quadro que traz os nomes e a vinculação institucional de mulheres docentes, que chegaram ao topo da carreira.

Conhecemos a relação entre os termos usados no texto escrito e a história de vida de cada professora, tudo remete à ideia de fio, como enredo, desenrolar, desenlace, intriga, trama, todos implicam uma relação com o tear, razão pela qual também traduzimos texto por tecido.

A pesquisa mostrou que ler memoriais é como passear, conhecer e explorar bibliotecas, centros de memória, depósitos, laboratórios, núcleos de pesquisa, museus, gabinetes de professoras, secretarias e setores de expediente e protocolo, mostrou também que já é possível identificar, a partir da nova lei de 2012, a presença de memoriais mais enxutos e com menor densidade analítica. Uma espécie de *curriculum lattes*, em prosa, como citou um dos entrevistados; situação que aumenta a importância de se resgatar os memoriais mais antigos, ou seja, aqueles que foram produzidos, anteriormente, a lei que vige.

Foi criado, como produto decorrente da investigação, o *site* (www.....), que funcionará como uma espécie de repositório da história da educação brasileira, observado por diferentes circunstâncias e ângulos.

No *site* será possível ler sobre a história de vida, por meio do memorial acadêmico, das seguintes professoras titulares, cujas obras parece-nos compagináveis no que concerne a serem boas ferramentas para as teorias curriculares.

#### QUADRO DE PROFESSORAS TITULARES EM EDUCAÇÃO

1. Ana Maria Martensen Roland Kaleff	UFF
2. Anna Mae Tavares Bastos Barbosa	USP
3. Ettiène Cordeiro Guérios	UFPR
4. Liliana Rolfsen Petrilli Segnini	UNICAMP
5. Lisete Regina Gomes Arelaro	USP
6. Maria Aparecida Mamede Neves	PUC-Rio
7. Maria Augusta Bolsanello	UFPR
8. Maria Eulina Pessoa de Carvalho	UFPB
9. Maria Manuela Alves Garcia	UFPEL
10. Maria Stella Orsini	USP

11. Maria Teresa Égler Mantoan	UNICAMP
12. Maria Teresa Navarro de Brito Matos	UFBA
13. Maria Waldenez de Oliveira	UFSCar
14. Marina Graziela Feldmann	PUC-SP
15. Mere Abramowicz	PUC-SP
16. Silvia de Mattos Gasparian Colello	USP

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

O quadro registra uma pequena amostra de mulheres que se destacaram em suas Instituições, no campo da educação. Antes das considerações finais, relembro a única passagem de uma mulher à frente do Ministério da Educação, indagado anteriormente, ocorreu de 24/08/1982 a 15/03/1985 com a profa. Esther de Figueiredo Ferraz, bacharel em direito.

### **Considerações Transitórias**

O trabalho do pensamento traz consigo tempos mortos, de pouco ou nada fazer, de encantamentos, de pausas, de revolta, de resistência, que são momentos que alimentam um trabalho invisível e que erroneamente supomos ser uma parte sobre a qual não podemos avaliar. (REGO, 2014)

Os interstícios das narrativas de professoras sugerem novos caminhos. Cada narrativa singular é ao mesmo tempo plural e coletiva. Colaborativa, eu diria, especialmente, no caso feminino.

Ao ler um memorial temos também uma documentação histórica, que, por vezes, encobre um trabalho de preparação muito rico. Alguns assumem a forma de ensaio, contudo, se conservam leves e amenos. Outros muitos fluem com transparência e naturalidade, embora, sob esta superfície leve e ágil, que prende a atenção desde as primeiras linhas, seja possível perceber uma segurança e uma seriedade que lhes confere poderosa consistência para servirem de modelos.

Na literatura educacional, há registros de história oral, com destaque para as publicações da PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul); UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e a UFPel (Universidade Federal de Pelotas).

A expectativa é que quanto mais educadores divulguem outras e outros sigam o caminho. Pinçamos dois memoriais que estão tratando o tempo todo de amor, alegria e reconhecimento. A forma e a cor com que cada memorial é pintado tem a ver com a compreensão que cada docente dimensiona para a vida dela.

Decisões que pareciam mais ou menos aleatórias e motivações que haviam permanecido inconscientes afloram, não porque o significado do particular esteja contido no todo, mas porque um todo pode ser urdido pelo olhar retrospectivo que avalia e rearticula, no presente, escolhas e decisões feitas outrora.

Retomamos a autora de abertura pela oportuna passagem. Finaliza Oliveira

A colcha está pronta. Termino este trabalho, mas não o encerro, no sentido de acabamento final, ou mesmo de abarcamento final. A colcha será compartilhada, outros sentidos e usos lhe serão dados. O uso da colcha exigirá que eu a reveja, olhe e reelhe seus retalhos, cerzindo, refazendo costuras com novos fios. Assim, sua beleza, calor, vivacidade se prolongará, não no sentido de eterna juventude, mas no da vivacidade que vem com a idade, idade que traz maciez. (OLIVEIRA, 2013, f. 131)

Conhecer, divulgar e publicar história de vida de professoras, em todos os níveis, poderá, em futuro próximo, permitir novo olhar e nova dimensão aos saberes e poderes no âmbito feminino.

Os garimpos significativos geraram, efetivamente, um processo de autoconhecimento que redundava em formato único, porque singular, e ao mesmo tempo plural, porque coletivo e representativo do conjunto de professoras, seja quanto ao Estado de origem, seja pela faixa etária das docentes. Há que se promover incentivos para uma política de publicação destes diamantes que não podem continuar no fundo de gavetas e nos pontos pouco iluminados das bibliotecas.

Podemos testemunhar que as leituras apontaram, quase sempre, a caminhos luminosos, junto à incrível epopeia de cada professora, de tal sorte que, em alguns memoriais, ao perceber que minhas vistas caminhavam para as páginas finais, eu retardava, fazia pausa, segurava para não encerrar; pois estava impactado, honrado e algumas vezes, mudo entre lágrimas, por admirar o grau e o nível de benignidade e de compaixão expresso por meu semelhante.

Manuseamos monumentos intelectuais construídos sobre a melhor sofisticação discursiva. Algumas vezes, foi necessário reler parágrafos, não por falta de objetividade ou

clareza, mas por conta da “costura” que a autora estabeleceu entre as diferentes partes, tornando cada linha indispensável para a devida compreensão do todo.

A impressão e a vivência produzidas irão ressoar e acompanhar-me, por muito tempo, confirmando que somos, numa voz, muitas vozes, memórias, currículos e teorias.

## Agradecimentos

Registro especial agradecimento ao Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo, da PUC-SP, pela acolhida, pelas oportunidades e vivências edificantes. Sou grato pela caminhada/orientação junto aos professores-doutores Antônio Chizzotti, Mario Sergio Cortella e Alípio Marcio Dias Casali. Trinca de filósofos, todos com raízes na Itália. Estes e os demais docentes do Programa sabem a medida da minha gratidão.

O artigo reflete uma diminuta parte, dos muitos frutos, do meu estágio de pós-doutoramento sob a providencial e cordial supervisão do Prof. Alípio Casali, mineiro, que veio ao mundo pelas mãos de uma negra idosa parteira, Dona Lourença, em 17/04/1947 (quinta-feira).

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo (Orgs.) *Pesquisa (auto) biográfica, temas transversais: Práticas docentes e práticas de (auto) formação*. Porto Alegre, Natal, Salvador: EDIPUCRS, EDUFRN, EDUNEB, 2012.

AQUINO, Julio Groppa. Defender a escola das pedagogias contemporâneas. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, n. 4, p. 669-690, out. 2017.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADO, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: A Didática como criação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, vol.34, e169875, jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698169875>. Acesso 21 dez. 2020.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta*. In MIGNOT, Ana Chrystina V.; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASALI, Alípio Márcio Dias. Conhecimento, habilidades e currículo em uma sociedade da informação e do conhecimento. *Cultura, educação e tecnologias em debate*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. (Org.). *Espinosa: vida e obra*. In: Espinosa. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.

CHAUÍ, Marilena. Nasce uma ilusão. In: *Jornal de resenhas: seis anos (de abril de 1995 a abril de 2001)* [S.l: s.n.], 1995.

CRITELLI, Dulce. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2015.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ:MEC/INEP, 1999.

GONDRA, José Gonçalves; NUNES, João Batista Carvalho e Martins, Marcos Francisco. *Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (FORPREd/ANPEd): história, configurações, desafios*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2018, vol.23, e230044. Epub 26-Jul-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230044>.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. São Paulo: Rocco, 1998.

MACHADO, Cláudia; HONÓRIO FILHO, Wolney. Histórias de vida e biografização: pesquisa sobre as marcas formadoras de professores da região sudeste do estado de Goiás através dos memoriais de formação. *Educação (UFMS)*, Santa Maria, p. 113-126, mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/23002>. Acesso 21 dez. 2020.

MARTON, Scarlett. *A irrecusável busca de sentido: autobiografia intelectual*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. *Educação popular e saúde: processos educativos em práticas sociais*. São Carlos: UFSCar, 2013.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, p. 103-132, 2008.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2014, vol.19, n.58, pp.779-800. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782014000800013>.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Do Nacional ao Global. Uma Trajetória*. Série Antropologia Vol. 422, Brasília: DAN/UnB, 2008.

SÁ, Celso Pereira de. Entre a história e a memória, o estudo psicossocial das memórias históricas. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 45, n. 156, p. 260-274, jun. 2015. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742015000200260&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000200260&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso 21 dez. 2020.

Wilton Carlos Lima da. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. *Patrimônio e Memória*. São Paulo: Unesp, v. 11, n. 1, p.71-95, jan./jun. 2015a.

SOARES, Magda Becker. *Metamemória-memórias*: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

USP. FFLCH. *Memoriais*. <http://fflch.usp.br/memoriais>. Acesso 21 dez. 2020.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

LUIZ, Ronilson de Souza. Memorial acadêmico de professoras titulares: narrativas multidisciplinares. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2021, vol.15, n.55, p. 469-484, ISSN:1981-1179.

Recebido: 07/04/2021

Aceito: 26/04/2021